

**PROMAR**

Produtora de Mármore

Av. do Trabalho 1999 - Maputo  
Tel. 731047 \* Fax 401108*mediaFAX*

Maputo \* segunda-feira 29.06.92 \* Nº 26/92

**PROLEC**Programa  
de  
Electrificação Urbana  
Tel./ Fax 420245  
MaputoDe segunda a sexta, um diário no seu fax \* Propriedade: mediacoop - jornalistas associados, scri  
Editor: Carlos Cardoso \* Redacção: Av. Mártires da Machava, nº 1002  
C.P. 73 \* Tls 49 09 06, 74 39 52 \* Faxes 49 00 63 / 49 09 06 \* Tlx 6 - 233 \* Maputo \* Moçambique

Assinaturas mensais -- ordinária: 50.000,00 MT \* institucional: 150.000,00 MT ou 50 USD \* de apoio: 250.000,00 MT ou 100 USD

**RUPTURA, IMPASSE OU GOLPE DE TEATRO?**

1-26/92 (Roma) Parece estar em causa a continuidade das negociações entre o governo e a Renamo.

De Maputo para Roma, por telefone, contactámos ontem com os chefes das duas delegações e com o enviado da AIM, Tomás Vieira Mário.

Perguntámos ao Ministro Armando Guebuza se as conversações estavam à beira de uma ruptura. "Não diria que seja ruptura. Estamos numa situação de impasse".

Guebuza disse que a delegação do governo ainda não tinha dado nenhum passo a sugerir uma vontade de romper. Mas vai dar esse passo? "Ainda estamos a discutir".

Para Tomás Vieira Mário há sinais de uma possível ruptura surgida após a delegação da Renamo ter reaberto o "dossier" corredores (Limpopo e Beira).

Sábado, conta o enviado da AIM, os mediadores organizaram uma "sessão inesperada" com a presença das duas delegações. Como aí se não obtivessem resultados, os mediadores recorreram ao método seguinte, um frente a frente entre Guebuza e o chefe da delegação da Renamo, Raul Domingos.

Não se adiantou "nada", neste encontro, disse Guebuza ao "mediaFAX", acrescentando que a reunião a sós com Domingos não chegara a durar uma hora.

"Não tenho nenhum comentário", disse-nos Raul Domingos quando lhe perguntámos porque é que em Roma a sua delegação acusa a mediação italiana de conluio com o governo enquanto Anselmo Victor afirma, em Maputo, que o seu movimento está satisfeito com os mediadores (ver 1ª parte da entrevista com ele, na edição Nº 25/92).

Indagámos junto dele se a Renamo iria romper as negociações após o encontro agendado para hoje. "Não posso adiantar nada sobre isso", respondeu ele.

Perguntámos-lhe porque é que não dizia nada sobre estes assuntos. "Não estou na disposição de falar à imprensa moçambicana porque ela não vai reportar na íntegra as minhas declarações".

Foi essa a razão que o levou a desligar o telefone quando a TVE o tentou entrevistar sábado?

"Sim".

Para Tomás Vieira Mário, situação semelhante a esta viveu-se na 8ª ronda negocial em Outubro do ano

passado quando se tratou de a Renamo reconhecer o governo e as leis fundamentais do país. Eventualmente, Afonso Dhlakama apareceu em Roma e o protocolo respectivo foi assinado.

Na opinião do enviado da AIM, é também possível que, em vez de situação de ruptura, se esteja a viver um momento de impasse deliberadamente provocado para dar a Dhlakama a possibilidade de passar por Roma esta semana - vindo de Paris -- e ser ele a pôr termo à disputa.

A disputa parece poder resumir-se no seguinte: o governo diz não à posição da Renamo segundo a qual as forças armadas não deveriam poder usar os corredores -- ferroviário e rodoviário -- da Beira e do Limpopo.

A delegação da Renamo foi mais longe; acusou, por escrito, os mediadores de estarem "em conluio com o governo contra a Renamo" e de estarem a colocar o território moçambicano ao dispor de interesses zimbabwuanos e outros "interesses expansionistas" estrangeiros, naquilo que em Roma se está a interpretar como uma alusão à Grã-Bretanha.

Para Armando Guebuza, houve uma situação semelhante a esta em finais de 1990 quando se aproximava a assinatura do acordo parcial sobre os corredores.

O que há de novo na situação actual, opina Tomás Vieira Mário, é o facto de a Renamo ter reaberto um assunto encerrado, para além da linguagem dura que está a utilizar ao acusar o governo de "arrogância e cinismo" -- coisa que fez em momentos anteriores. "Já há bastante tempo que não havia este tipo de tensão", disse ele ao "mediaFAX".

Perguntámos-lhe o que se estava a passar no campo dos observadores.

Aparentemente, não querem extremar as divergências, evitando fazer quaisquer comentários em público. Em privado, no entanto, um dos observadores terá dito ao enviado da AIM que a Renamo "parece estar a forçar uma situação de ruptura, provavelmente planificada".

O lado português é o único que tem mantido uma presença sistemática nas sessões conjuntas de trabalho, apresentando-se completo a elas -- com os seus diplomatas e militares, António Senselt do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e os coronéis Ataíde Montez e Francisco Roque, o primeiro ligado ao processo de paz angolano, e o segundo ligado ao processo moçambicano, sendo, inclusivamente,

Para a elaboração de estudos e projectos contacte a

Av. 24 de Julho, 2293 / 1ª andar \* Tel. 421526/8 \* Fax 421511 \* Telex 6-731 \* C.P. 4150 \* Maputo

**MACOL**

sua consultora

membro da COMIVE.

A parte militar da delegação de observadores dos EUA já foi retirada para Washington. Essa retirada foi acompanhada por declarações a jornalistas de que, na óptica dos americanos, ela não deveria ser empolada. Para Washington, parece que ainda há assuntos políticos a discutir entre o governo e a Renamo, antes de se passar às questões militares, pelo que deixaram instruções em Roma apenas para que se mantivesse atento o adido militar da sua embaixada no Vaticano.

Entretanto, começou já a circular entre as várias delegações um primeiro documento elaborado pelos observadores, sobre hipóteses de matérias de natureza militar a serem discutidas.

Por outro lado, informações não confirmadas indicam que estará a caminho de Roma o general Mateus Ngwenhamo, chefe da contra-inteligência da Renamo.

Confirmado por Tomás Vieira Mário: a semana passada passou por Roma, vindo de outras capitais europeias, o chefe do estado maior general da SADF, general Liebenberg

que se encontrou com as delegações do governo e da Renamo.

Armando Guebuza disse ao "mediaFAX" que não se encontrara com Liebenberg. Perguntámos-lhe se, então, Liebenberg se teria reunido com algum outro membro da delegação do governo. "Só sei que comigo não se encontrou", respondeu Guebuza.

No campo das especulações em Roma, Tomás Vieira Mário realça duas: a de que antes da sua partida para Roma, Raul Domingos terá tido um encontro muito difícil com os chefes militares da Renamo, dando-se Domingos como figura proeminente de uma "ala política" dentro da Renamo que não vê com bons olhos uma tentativa de "solução militar"; e a de que parece haver novos conselheiros da Renamo nos lugares anteriormente ocupados por Thomas Haussan e Bruce Feyn -- nas rondas anteriores, diz o enviado da AIM, os documentos da Renamo apareciam escritos num português deficiente mas com ideias claras, mas nesta ronda surgem escritos "numa linguagem muito lusitana".

(Carlos Cardoso)

## "AS OPERAÇÕES DEVERIAM DIMINUIR"

2-26/92 (Maputo) A Renamo está a fazer alguma grande ofensiva aqui no sul? Será retaliação contra aquilo que parece estar a acontecer em Sofala?

"Não diria isso", afirmou ao "mediaFAX" Anselmo Vitor, representante da Renamo na COMIVE para além de assistente político de Afonso Dhlakama no «Gabinete do Partido», no prosseguimento da entrevista que começámos a publicar na nossa edição anterior. "Primeiro, não confirmo que a Renamo esteja a fazer ofensivas. Segundo, desde o início das negociações, quando estamos prestes a sentarmonos para negociar, surge sempre muita propaganda contra a Renamo. Quando estamos a chegar ao fim de uma ronda, surgem ainda mais questões. Eu não diria que a Renamo está a fazer ofensivas. Antes, porém, nós estamos em posição defensiva. Estamos simplesmente a defender-nos. As forças governamentais estão a fazer muitas incursões.

Falam do sul. Eu poderia falar-vos de um caso evidente, a título de exemplo. O CICV esteve envolvido, com o conhecimento do governo e da Renamo, numa zona controlada pela Renamo, numa acção humanitária. Trata-se, concretamente, de Dindiza. Quando estavam lá para distribuir apoio à população surgiu uma ofensiva do governo. Morreu população. Claro que ninguém diz isso. Numa operação feita pelo governo, em combates conosco, há sempre elementos da população que morrem. No entanto, o governo nunca diz que matou população. Só diz que no período xis as tropas governamentais assaltaram e capturaram tantas bases da Renamo e mataram tantos soldados. Será que nessas bases, nessas áreas não havia população? Será que não morreu ninguém da população? São coisas que merecem análise do público.

Quando se fala de ofensivas é preciso ter em conta que há operações normais porque ainda não houve cessar-fogo. Não estou em posição de confirmar que estamos na ofensiva. Pelo contrário, estamos na defensiva. Mas é claro

que quem é atacado defende-se e, na retaliação, naturalmente, pode surgir uma acção de envergadura. Será com base nisso que o governo diz que a Renamo está a fazer ofensivas aqui no sul?"

Em volta das cidades, por exemplo...

"Bem, isso em volta das cidades eu não confirmo que a Renamo esteja a fazer acções; não digo ofensivas, mas quaisquer acções de guerrilha em volta das cidades"

Mas não o faz por falta de armamento ou por estratégia?

"Nem por opção estratégica para as negociações, nem por falta de armamento. Estamos na mesa das negociações, e esperamos em breve chegar a uma fase de reconciliação. Portanto, somos de opinião de que deveriam diminuir as operações. Consideramos que, se estamos a negociar estamos numa fase de aproximação. Em Roma estamos a apertar as mãos e aqui estamos a bater-nos. Acharmos que isso não é justo. É claro que estamos em guerra, mas achamos que as operações deveriam diminuir, não porque temos falta de armamento ou por razões estratégicas".

E acha que o exército governamental está a efectuar ofensivas para conquistar posições à mesa das negociações?

"Eu não diria que é para conquistarem posições à mesa das negociações, mas sim para recuperarem zonas que estão nas nossas mãos. Já que há agora a possibilidade de haver um cessar-fogo o exército quer estar em vantagem sobre certas zonas por nós ocupadas, onde temos infra-estruturas, população".

Mas porquê esse interesse do governo em ofensivas se é verdade que vamos ter paz tão brevemente?

"Talvez para melhor desenvolver a sua propaganda política; digamos que quer estar em vantagem".

(entrevista conduzida por Lourenço Jossias e Fernando Veloso)